

**MORAR, COMER, VESTIR E OUTROS VERBOS:
um inventário de objetos e práticas no Rio de Janeiro da
segunda metade do século XIX, nas reminiscências de Coelho Netto.**

Alexandre Guida Navarro
*Doutor em Arqueologia. Departamento de
História e Programa de Pós-Graduação em História
Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).*

Claunísio Amorim Carvalho
*Mestrando em História Social .
PPGH/Universidade Federal do Maranhão (UFMA).*

RESUMO

A cultura material diz respeito à interação entre os artefatos e os aspectos concretos da vida das pessoas. Pretendemos fazer um inventário de objetos caseiros, como indumentárias, calçados, alimentos e instrumentos musicais, e alguns usos e costumes da cidade do Rio de Janeiro, especialmente da população pobre, na segunda metade do século XIX, conforme as reminiscências do escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), registradas no texto “A antiga cidade”, publicado no livro Palestras da tarde, de 1911.

Palavras-chave: cultura material, inventário, literatura maranhense, História

ABSTRACT

The material culture relates to the interaction between the artifacts and the specific aspects of people's lives. We intend to make an inventory of household objects such as clothing, shoes, food and musical instruments, and some habits and customs of the city of Rio de Janeiro, especially the poor, in the second half of the nineteenth century, as the reminiscences of the writer Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934), recorded in the text "A Antiga cidade", published in the book Palestras da tarde, in 1911.

Keywords: material culture, inventory, Maranhão's literature, History

Introdução

A cultura material cada vez mais vem ganhando espaço de atuação dentro das Ciências Humanas. Antes renegada a uma disciplina auxiliar da História, ou somente requerida em casos onde não se podia examinar uma sociedade através de documentos escritos, a Arqueologia possui ferramentas próprias acerca de suas metodologias e teorias. No entanto, não podemos deixar de lado sua natureza inter e multidisciplinar

que já os vestígios arqueológicos podem ter diversas naturezas (*i.e.* cerâmica, restos ósseos, de madeira...), o que exige um amplo leque de conhecimentos específicos¹.

Costuma-se a definir a Arqueologia como o estudo da cultura material. No entanto, outras disciplinas também se preocupam com este objeto de estudo, como a História e Antropologia. Aqui cabem algumas explicações. Em primeiro lugar, ao se estudar a cultura material o arqueólogo faz inferências a partir do artefato (o objeto em si). Suas dimensões, matéria-prima utilizada na confecção e seu contexto são fundamentais para o arqueólogo compreender a sociedade que as produziu. Mais o estudo arqueológico vai além. Estamos preocupados com as sociedades que deixaram estes vestígios. Neste sentido, a ciência arqueológica preocupa-se em estudar a “totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico”².

Sendo este um levantamento de artefatos, este texto pode funcionar como um tipo informe de projeto ou, pelo menos, servir de base a um projeto arqueológico que busque perscrutar indícios materiais que apontem para o espaço e o tempo acima mencionados, como forma de vislumbrar as práticas de morar, comer, beber, vestir, cultivar, cantar, dançar, divertir-se, dentre outras. No mais, este texto figura como as representações memorizadas de objetos que faziam parte do viver cotidiano da população carioca daquela época, aqui contrabalançado com imagens capturadas na rede mundial de computadores.

Inventário de aparentes miudezas

Desde os tempos de Marc Bloch e Lucien Febvre, quando a História deu uma guinada em direção aos pobres, aos pequenos, aos objetos para os quais até então não havia sido dada muita atenção e ao imaginário, até hoje, os campos e objetos de pesquisa só tem aumentado, e tanto a vida cotidiana das pessoas como os vestígios materiais desse cotidiano passaram a frequentar com mais assiduidade estudos históricos. É essa aparente insignificância das coisas que torna o seu estudo mais atrativo, despertando a curiosidade em relação à vida de nossos antepassados. Quanto a isto, Mary Del Priore nos diz que:

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas ‘de lado’. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma³.

Mas o fato de que os vestígios das coisas sejam em si atraentes, por despertar a curiosidade em quem se põe a investigá-los, não impõe ao historiador conhecer a coisa pela coisa, quero dizer, o objeto simplesmente no seu aspecto material, destituído de sentido. Aliás, quem garante o sentido é o próprio historiador quando dialoga com sua fonte, documento ou pista.

Assim, com Pesez⁴, elide-se a noção de cultura material como forma de definir cultura meramente pelo material, mas busca-se interpretar os conjuntos culturais e os modos de produção de antanho, em que sujeitos (pessoas) e objetos (materiais) estavam relacionados.

Ainda com Pesez⁵, lê-se que a cultura material é “a relação do homem com os objetos, pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura”. E a razão de ser da história não é outra senão os homens⁶. O conhecimento das pessoas, em suas múltiplas formas de ser e fazer, portanto, deve ser o objetivo maior da pesquisa em cultura material, seja histórica, seja arqueológica.

UM TEXTO DE COELHO NETTO

Coelho Netto (1864-1934), maranhense de Caxias, terra de Gonçalves Dias, foi um dos maiores escritores brasileiros entre as décadas de 1890 e 1930, com mais de 120 livros publicados, em praticamente todos os gêneros da prosa, figurando entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, sendo ainda jornalista, orador e político, com destaque a três mandatos de deputado federal pelo Maranhão.

O autor de *Turbilhão* deixou Caxias em 1870, aos seis anos de idade, indo morar no Rio de Janeiro, onde fincou raízes, vivendo ali até o fim da vida. O Rio de Janeiro, que recebeu de Coelho Netto o epíteto famoso de “Cidade Maravilhosa”, é o

cenário predileto da prosa do escritor maranhense, sendo tema recorrente na maioria de seus romances, contos, crônicas, peças de teatro, orações, memórias, etc. Ele chegou à Corte quando esta ainda era uma cidade de traços coloniais, antes de experimentar as transformações urbanísticas iniciadas no alvorecer do século XX, sob Pereira Passos e outras lideranças que se seguiram. É justamente sobre o que era a cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do Oitocentos, sobretudo os subúrbios, de que trata Coelho Netto em “A antiga cidade”, título que de cara nos lembra o clássico “A cidade antiga”, de Fustel de Coulanges, sobre as cidades no mundo greco-romano. Desse Rio antigo é que diz: “Eu, que conheci esta cidade no tempo antigo tenho, por vezes, em horas de saudade, recordações commovedoras. Vejo a vida e ouço os ruídos de outr’ora [...]”⁷, e é isso que norteia o seu escrito.

O texto “A antiga cidade” era inicialmente um discurso no Instituto Nacional de Música, no dia 10 de outubro de 1908. Contém minúcias da infância, adolescência e juventude de Coelho Netto, que representa fatos, objetos e práticas corriqueiras da cidade que o adotou como filho. A variedade de objetos e costumes revela uma sociedade dinâmica, rica em manifestações culturais, abundante em comidas e em festas, em bebidas e em armas, em vestimentas e em música. Na sequência, as miudezas que o criador de *Firmo, o vaqueiro* rememora, fazendo-nos conhecer um pouco da antiga cidade carioca, de sua gente e de suas práticas.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro era a capital do Brasil e, por isso mesmo, a maior, mais importante, mais rica e populosa cidade brasileira àquela época. Em se tratando de cidade, considera-se “[...] o centro de uma organização econômica baseada na acumulação e na redistribuição das rendas territoriais, dos impostos, dos lucros do comércio e das manufaturas”⁸, capaz de atrair para si um maior número de pessoas, inclusive e principalmente aquelas que deixam o campo, vilas, aldeias ou cidades menores, para encontrarem um ambiente onde há maior circulação de bens, produtos e serviços. Por razões diversas, a cidade do Rio de Janeiro atraiu um grande número de pessoas, que foram para lá em busca de trabalho, de melhores condições de vida e, muitos outros, em busca de maior visibilidade, sobretudo intelectuais e artistas.

O relato de “A antiga cidade” se inicia com uma fala a respeito da saudade, e a cidade entra em cena justamente com a derrubada de morros e paredes⁹, nas reformas urbanas em que cortiços, casebres, vielas e becos deram lugar a avenidas, ruas largas e prédios novos, processos esses de higienização e modernização empreendidos pelo poder público.

Higienizar e modernizar a cidade significavam sobretudo, eliminar os lugares infectos e sórdidos, o desmazelo, a imundície e as residências coletivas (cortiços e cabeças de porco) em que habitava a maioria da população. A “modernização destruidora” do Estado visava eliminar não só a cidade colonial marcada por ruas estreitas e sinuosas, como também objetivava romper com os valores culturais relacionados ao período imperial, valorizando a inserção cultural e econômica européias, principalmente pela absorção da visão do mundo francês. Construir assim um novo centro mais moderno, significaria a construção simbólica de um novo país, instaurado pela ordem Republicana. Entretanto, as ações da República orientadas pelo ideário progressista não atenderam ao bem estar geral da sociedade. Assim, as classes populares foram as mais afetadas com as renovações urbanas do início do século XX¹⁰.

Sidney Chalhoub¹¹, em seu *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*, traça um panorama da situação dessas moradias, as epidemias a que estavam sujeitos os seus moradores, achando-se ali supostos grandes focos de doenças infecto-contagiosas, vez ou outra alarmando toda a cidade, bem como as campanhas de vacinação, no tempo Oswaldo Cruz, suas informações e desinformações, culminando com a popular Revolta da Vacina, em 1904, dentre outras situações.

A antiga cidade das memórias de Coelho Netto ainda repousa segura, no século XIX, antes das pás, marretas e picaretas porem abaixo pobres bairros que não resistiram ao propalado “progresso” que se pretendia com tais reformas no século seguinte.

Por dentro da casa

A casa é o núcleo primeiro da sociedade, seja ela um palácio ou uma caverna, representando o primitivo universo do qual se faz parte cedo na vida. Em sua topoanálise da casa, Gaston Bachelard¹² nos diz que:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das

tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse grande valor ao qual voltamos nos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa.

Coelho Netto é poeta, poeta em prosa, como já o dissera Humberto de Campos. Desse modo, sabe ele referir-se ao imóvel com a habilidade de quem nele vê mais que uma construção; vê mesmo um refúgio, um universo em que se é imerso desde criança. Parece falar com afeto nos seus relatos, uma nostalgia para mencionar as casas e seus habitantes, por mais humildes que fossem, inclusive a sua própria: “A minha casa, casa de pobre, era na rua do Costa. Tinha quintal e agua dentro e isso era luxo naquelle tempo”¹³ Casa a que tanto se referiu em *Canteiro de saudades*, de 1927¹⁴.

As casas por ele representadas são simples, inclusive fala em “casa de sapê”. Por dentro, vê-se a simplicidade com mais detalhes, sobretudo nas práticas domésticas:

O lar era tranquillo e os costumes simples. O pai de família sahia cedo, almoçado e lá ia ao trabalho, contente de si e dos seus; o pequeno enfiava a tiracollo o sacco de livros e punha-se a caminho do collegio.

Ainda nesse tempo os filhos tomavam a benção aos pais beijando-lhes respeitosa e a mão. Ingenua idade! A casa tornava-se um gynecêu e cada senhora ou donzella cuidava do seu mister – esta a dirigir o serviço, essa a costurar á machina, a bordar ou a serzir a roupa, aquella a fazer doces, tudo ao som de cantigas apaixonadas.

Por vezes um romance amenizava as horas e corriam lagrimas compadecidas sobre o soffrimento de “Flor de Maria” ou pasmava-se da riqueza do Conde de Monte Cristo.

Aqui, ali doremifasolava um piano¹⁵.

A casa é um lugar de muitos lugares. Lugar onde se dançava: “Não sei como vivia a nobreza de Laranjeiras e Botafogo; a gente do meu bairro modesto, ainda que não frequentasse o Cassino e o Lyrico, dançava em casa, aos rancos do ophcleide ou ao marimbar do piano [...]”¹⁶. Lugar onde se cultuava os santos: “Essa gente, repito, seria ingrata se não rezasse aos seus santos domésticos, se não fosse á missa agradecer aos Senhor as grandes mercês [...]”¹⁷.

Lugar onde se celebrava o casamento, movimentando toda a rua:

[...] Casamento!

Quando havia uma de taes cerimoniais na vizinhança toda a rua alvoroçava-se. O caixeiro da venda dava informações minuciosas de tudo – desde o peru que engordava no gallinheiro, até o numero de camisas do enxoval da noiva, em que todas as senhoras trabalhavam dia e noite.

Os que recebiam o convite para a festa, recalcando o despeito, combinavam-se, em tom de troça, para espiar de fóra: “Sempre queriam ver aquillo!” E juntavam-se na calçada, enchiam a rua no ponto fronteiro á casa. O cocheiro do bondinho apitava desesperadamente, levando o carro á meia trava por entre o povaréu.

A casa aberta, com cortinas bordadas, jarros de flores, pannos de crochet nas cadeiras, cheia a deitar fóra, resplandecia á luz de muitos lampiões de kerozene, uns proprios, outros emprestados como parte da louça, dos crystaes, dos talheres e cadeiras que os vizinhos, durante o dia, haviam mandado.

Os noivos, sentados no sofá, muito juntos, mantinham-se em attitude rigida de figuras de cera – ella, com o boquet ao collo, o véu apanhado á frente; elle com as abas da sobrecasaca dobradas sobre as coxas, pastinhas lambidas, bigodes muito encalamistrados, a contrahir, a arreganhar os dedos, incommodado com o arrocho das luvas.

Cruzavam-se galanteio, plherias provocavam risotas¹⁸.

E prossegue o relato da singela cena:

De quando em quando uma das moças apresentava á noiva um botão de flor de laranjeira que ella mordia machinalmente.

O ophcleide corricava, a flauta respondia em trillo. Estalavam palmas e o mestre sala, azafamado, ordenava: “Tirem pares!”

Era uma balburdia – todos de pé na sala acanhada, as damas sorrindo ao braço dos cavalheiros muito attenciosos, relanceando olhares ufanos para a rua onde o povo era denso e rosnava commentarios.

A musica atacava com estrondo e duas filas avançavam rastejando passos ao berro de “Em avant!”

E o mestre sala, enthusiasmando-se, dismantelava-se, a improvisar marcas em francez mascavo, complicando os passos, aos pinchos no remoinho de onde subia um cheiro de agua da Colonia e camphora, da barata e de fazendas novas.

Não raro, por uma futilidade – coisa de um calo pisado, de um esbarro propositado ou involuntário – levantava-se uma discussão na rua.

[...]

Reabriam-se as janellas. Um momento cabeças espreitavam, mas o ophcleide requebrava uma polka e o baile recommençava em forrobodó desnalgado até á hora da ceia¹⁹.

E quando faltava água, era aquele deus-nos-acuda, que fazia todos se coçarem atrás do líquido precioso:

Uma das calamidades do verão nesse tempo era a falta d'água. De manhã, à hora do café, um vizinho aparecia à porta: “Dá licença que eu encha esta moringa? Estamos sem gota d'água em casa e o freguez até agora”. Ia-se à bica, no quintal. A água golfava em jorro, espoucava aos repiquetes, logo, porém, minguava, correndo em fio liso. Pelo encanamento esfusiava um sorvo; e estancava. Era a secca. A casa alarmava-se, todas as vasilhas eram postas junto à torneira e o lentejo raro, espaçado, tricolejava em letãs, em bacias de ferro, num estillicidio de lagrima. E começava o supplicio da cidade²⁰.

Na tabela 1, que segue abaixo, na qual reunimos vários objetos do mobiliário, utensílios e assessórios domésticos, extraídos do texto em tela, é possível ver a variedade e a utilidade que esses objetos tinham naquele contexto.

Na sala, por exemplo, é possível vislumbrar o sofá, cortinas bordadas, jarros de flores, relógio na parede, lampiões, cadeiras, e a um canto a máquina de costurar. Nas sacadas, colchas de Damasco. Querendo sentar, além do sofá e das cadeiras, há ainda o tamborete, uma espécie de banquinho de madeira, também conhecido como mocho. Querendo dormir, além da cama, com almofadas, tem-se uma preguiçosa rede de dormir. Querendo almoçar ou jantar, encontraremos na cozinha uma mesa e cadeiras, muitos pratos, talheres, copos e cristais, além de bandejas, baixelas, panelas e caçarolas. Banha-se com água e sabonete, água acomodada em barris, mas quando falta água, tudo vira balde, além dos próprios baldes, incluindo-se vasilhames e latas de vários tipo, com destaque para a lata do querosene. Aliás, era este o combustível de lamparinas e lampiões, num tempo em que não havia luz elétrica. Por fim, toda a sujeira da casa era recolhida em caixões de lixo.

TABELA 1

MOBILIÁRIO, UTENSÍLIOS E ASSESSÓRIOS DOMÉSTICOS		
ITEM	TÍTULO	“A ANTIGA CIDADE”,

		Página:
1	Almofada	77
2	Arandelas	87
3	Bacias de ferro	94
4	Baixelas	46, 86
5	Baldes	94
6	Bandejas	76
7	Barris	94, 95
8	Caçarolas	74
9	Cadeiras	70, 71
10	Caixão de lixo	75
11	Cama	77
12	Cofres	46
13	Colchas de Damasco	87
14	Colher	98
15	Compoteiras	73
16	Copos	74
17	Cortinas bordadas	70
18	Cristais	70
19	Escrínio de joias	46
20	Cuia	91
21	Esteira	98
22	Forno	73
23	Garrafas	74
24	Jarros	94
25	Jarros de flores	70
26	Lamparina	74
27	Lampiões	70
28	Latas	94, 95
29	Louça	71
30	Máquina de costura	63

31	Mesa	75, 85
32	Moringa	94
33	Panelas	98
34	Panos de crochet nas cadeiras	70
35	Pratarrazes	73
36	Pratos	57, 91
37	Quadro	46
38	Redes de dormir	98
39	Regadores	94
40	Relógio	46, 87
41	Sabonete	57
42	Saca-rolhas	57
43	Sofá	71,74
44	Taça	73
45	Talheres	71
46	Tamboretas	93
47	Tigela	99
48	Torneira	94
49	Vasilhames	95

Usam-se muitos tipos de perfumes, entre os quais: aroma da Água Florida e óleo de Oriza, além de água de Colôna e cânfora. Sobre medicamentos, são citados os de uso odontológico, como “dentrificios e odontalgicos”, bem como o “elixir e pílulas para enxaqueca”²¹. Os doentes mais pobres poderiam ser carregados em redes aos hospitais, mas havia também a “cadeirinha”, uma espécie de veículo à moda antiga

que fazia as vezes de ambulância. Entre as ferramentas de casa e do trabalho, citam-se: picaretas, facão, martelo, serra e brocha. Sobre armas, citam-se pistolas, facão, navalhas, broquéis, adagas, espadas. Mas há também óculos, bengala, cajado, muitos cestos, caixotes, tabuada, palmatória, flâmulas, lanternas, bastantes joias, etc.

E sobre o hábito de fumar, na rua ou em casa, é de se citar: “cigarros e charutos” e “rolos de fumo”²². Noutro canto, cita o autor “cigarros chamados ‘fuzileiros’” e “charutos ‘quebra-queixo’”²³, com o detalhe de que os cigarros fuzileiros também são citados por Lima Barreto no terceiro capítulo do romance *Clara dos Anjos*. Há, ainda, no interior das casas, oratórios, santos, rosários, mas isto é assunto para mais à frente.

Vestes, calçados e fantasias

A questão das indumentárias é outro ponto interessante do texto, mostrando vários artigos tradicionais, como calças, camisas, vestidos e saias, e outros tantos que já saíram de moda, como mitaines, turbantes e cartolas, expostos na Tabela 2.

Em dias normais, era comum a seguinte cena:

Á tarde subiam no ar o arôma da Agua Florida e o cheiro rançoso do óleo de Oriza, as matronas vestiam casacos brancos entremeios e rendas, trepidantes de gomme, os maridos galeavam em costumes de brim ou, descerimoniosamente, debruçavam-se á janella em mangas de camisa fumando, conversando com os visinos.

Como se jantava ás 4 horas, ás 5 começavam a apparecer os elegantes, muito casquilhos, de calças de boca de sino, *croisés* compridos, cartola lustrosa, um tanto descahida á banda, uma ponta de lenço a fugir do bolsinho.

As mocinhas, sem os papelótes, cabellos em cachos tomavam attitudes á janella.

Estavam em moda as anquinhas, o *puff*, o coque e ainda, raro em raro, apparecia uma mulher tufada a pavonear-se na roda do balão, como um alparluz que o vento fosse levando de rasto²⁴.

Em época de Ano Novo, todos davam um jeitinho de vestirem roupa nova:

Ainda com sacrificio havia toda a gente de estrear um trajo no dia de Anno Bom: um costume, fosse embora de brim; um vestido, mesmo de chita, uma simples saia de riscado.

O pobre remendava os molambos, lavava-os, estendia-os, a corar, sobre o perfume das hervas campestres e vestia-os contente, como se os recebesse de Deus, bordados a ouro de sol e a á prata de lua²⁵.

Por ocasião da festa do Carnaval, vê-se um desfilar de fantasias, máscaras e alegorias de vários tipos:

Outra festa – era o Carnaval.

Sem desfazer no presente estou em affirmar que o Carnaval de outr’oura era mais bello e até mais entusiastico do que o de hoje, apezar do luxo que ostenta e das avenidas que o emmolduram. Dois mezes antes começava nas lojas a exposição de mascaras e fantasias, predominando a carantonha e a ganga vermelha e rabudo dos diabos, o mascarão dos velhos, caveiras, cabeças de animaes, caraças tatuadas de índios, doairos de fúrias, faces engelhadas de corumbas, rostos bochechudos de crianças choramingas, negros de beiçaria esborcinada

e sanguinea, caras mongólicas de olhos oblíquos e longos bigodes escorridos.

Na véspera apressava-se a construção dos coretos, dos obeliscos, dos arcos triumphaes que ornavam as ruas do centro.

Eram pilhas de taboas, costaneiras e ssarrafos, metim e belbutina em barda, arandellas e calungas de pasta e o martello a bater, a serra a serrar, a brocha a broslar allegorias, paineis mythologicos, onde Venus apparecia obesa, cor de óca, com as pernas mais tortas do que as do marido. E silenos, pandos e delambidos, côr de tomate, escarranchados em pipas, sob folhagens, caramunhavam em ricto de muafa, muito bisborrias. Siluetas, com pretenção e caricaturas, enchiam allusões que passariam despercebidas se as não illuminasse a legenda traçada na orthographia que os cinematogrphos perpetuam²⁶.

E mais personagens vão surgindo na folia momesca:

No sabbado, á nitinha, sahiam os zéspereiras, zabumbando estrepidamente. Eram homens robustos e anafados, em mangas de camisa, o ventre a resaltar, suando ás macetadas ao bombo, ás baquetadas ás caixas.

O roncante porta-voz de lata, pintado, ás listas ou ás aduellas, com as côres das sociedades, buzina e engrossava o vozerio, como a mascara tragica no theatro antigo.

[...]

Ás cinco da manhan já havia diabos na rua, e ás oito, a cidade ficava coagulada de grandes manchas vermelhas que se esparrimavam em monstros horrificos, como se o inferno truculento houvesse irrompido na terra, avassalando-a com as suas legiões de carrancas espantosas, algumas vomitando basiliscos, com os retorcidos chifres ammaranhados de serpentes.

[...]

Muitos delles, latagões destorcidos, quando suspendiam a mascara, mostravam feição patibular, de faccinora. Eram, quasi todos, capoeiras – gauyamús ou nagôs.

No correr do dia succediam-se as figuras typicas: o *burro*, gravibundo, de casaca e óculos, um livro aberto, a palmatória suspensa á ilharga; *Pai João*, tismado, esfarrapado, varrendo a sargeta a largas vassouradas, a chamar *Mai Maria*; a *Morte*, de roupeta negra, escaveirada, dois fêmures em cruz ás costas, uma ampulheta á frente, a foice na sinistra e na dextra a campainha tangida a espaços; *dominós* frescalhotes, em camisola de morim, com um az de copas, no respectivo lugar; *pincezes*, desenxabidos, *bahianas* másculas, de collo assudo, bíceps em panturrilha, baragandans tinindo á cinta, chinellos de bico, batendo d'estalo; *chicards* de cabelleiras brancas, em bucris, capacete encimado de lanterna, de um manipanço ou de uma estrellla gyrando á guisa de catavento; *soldados* com espadagões; *velhos*, de cabeçorras grotescas, nariz em tuberculo pupureo, belfas côr de berinjala, perigalhos sanguineos, de baculo e luneta, casaca bordada a cadilhos, fazendo piruetas e zig-zagues tremelicados, no saracoteio do miudinho, numa roda de mascaras e curiosos, que rhytmavam a dança ao som fragoroso das palmas e dos pandeiros; *marujos de cheganças*, levando barcos em charola, tunas peninsulares zangarreando fados á

guitarra; *congadas*, com maracás, caixas, tambores, e um canto guaiado e banzeiro; *índios*, com enduapes e cocares, á maneira de espanadores; *chins*²⁷.

TABELA 2

VESTES, CALÇADOS, ASSESSÓRIOS E FANTASIAS		
ITEM	TÍTULO	“A ANTIGA CIDADE”, Página:
1	Anquinhas	65
2	Calças boca de sino	65
3	Calças curtas	88
4	Calças de zuarte	52
5	Camisa	53, 54
6	Camisola	68, 70, 79
7	Camisolão	52
8	Capacete de ferro	88
9	Carapuça de baeta	52
10	Cartola	65
11	Casaca	80
12	Casacos	64, 66
13	Chapéus	63, 66, 72, 101
14	Chinelos de bico	80
15	Cinta	57, 80
16	Costumes de brim	64, 76
17	<i>Croisés</i>	65
18	Couraça	88
19	Couraça de lata	59
20	Fantasia	77
21	Lenços	65
22	Loriga	88
23	Luvas	71
24	Mantilha	41, 86

25	Máscaras	77, 79
26	Mitaines	41
27	Molambos	76
28	Pano da Costa	53
29	<i>Puff</i>	65
30	Roupeta negra	79
31	Saia de riscado	76
32	Saiote	57
33	Sandálias de veludo	67
34	Sobrecasacas	71
35	Sobrecasaca do imperador	57
36	Tamancos dos operários	51
37	Toucado	66
38	Trajes pretos	86
39	Trunfa	53
40	Turbante	101
41	Vestes de mosqueteiro	57
42	Vestido de chita	76
43	Xale	66

Instrumentos de música e de ruídos

A antiga cidade do Rio de Janeiro, nas lembranças de Coelho Netto, é repleta de sons, de harmonias musicais ou simplesmente de barulhos. Entre os instrumentos, destaque para a flauta, o oficleide e o piano, além de várias buzinas e muitos sinos.

Produz-se música em casa, na rua, em festas e festejos. Há instrumentos de sopro, como a designação geral de metais, e também flautas e oficleides. Entre os de cordas, citam-se o cavaquinho, guitarra, viola, violão e violino. Entre os de teclados, pianos e sanfona. Entre os de percussão, bombos, caixas, tambores, matracas, atabaques, maracás, repiques e pandeiros. Fora isso, há ainda as campainhas, seja de vendedores, seja de bondes, as buzinas anunciando alguma coisa, e os muitos sinos, sobretudo nas igrejas. Na tabela 3, abaixo, uma relação dos instrumentos de música e de barulhos.

TABELA 3

INSTRUMENTOS DE MÚSICA E DE RUÍDOS		
ITEM	TÍTULO	“A ANTIGA CIDADE”, Página:
1	Apito	72, 73, 90
2	Atabaques	56
3	Bombo	59, 78
4	Buzinas	60, 62, 90
5	Caixas	78, 80
6	Campainhas	61, 90, 96
7	Cavaquinho	68
8	Flauta	66, 68, 71, 73
9	Gaitas	100, 101
10	Guitarra	80
11	Guizos	80
12	Harpas	64
13	Maracás	80
14	Matracas	85, 88, 100
15	Metais	59
16	Oficleide	62, 68, 71, 73
17	Pandeiros	80
18	Piano	62, 64, 75
19	Repiques	95
20	Sanfona	99
21	Sinetas	100
22	Sinos	49, 68, 70, 76, 84, 86, 90, 91, 95
23	Tambores	80, 100
24	Viola	98

25	Violão	58, 68
26	Violino	64, 99

COMERES E BEBERES

Primeiramente, é relevante considerar, na descrição antropológica de Roberto Da Matta, a diferença entre alimento e comida.

Para nós, brasileiros, nem tudo que alimenta é sempre bom ou socialmente aceitável. Do mesmo modo, nem tudo que alimenta é comida. Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade. Em outras palavras, o alimento é como uma grande moldura; mas a comida é o quadro, aquilo que foi valorizado e escolhido entre os alimentos; aquilo que deve ser visto e saboreado com os olhos e depois com a boca, o nariz, a boa companhia e, finalmente, a barriga... O alimento é algo universal e geral. Algo que diz respeito a todos os seres humanos: amigos ou inimigos, gente de perto ou de longe, da rua ou da casa, do céu ou da terra. Mas a comida é algo que define um domínio e põe as coisas em foco. [...] a comida se refere a algo costumeiro e sadio, alguma coisa que ajuda a estabelecer uma identidade, definindo, por isso mesmo, um grupo, classe ou pessoa²⁸.

Estabelecida a distinção, qual seja a de que comida é mais que alimento, encerrando também “um modo, um estilo, um jeito de alimentar-se”²⁹, observamos que no texto “A antiga cidade” há a predominância das comidas sobre os alimentos. Enquanto os alimentos surgem, principalmente, nas feiras ou nos pregões, as comidas estão postas nas mesas, variegadas, ou exalando odores agradáveis, mesmo sob a batuta de quem vende. A comida dá prazer, e isto se percebe até na fala saudosista do autor de *Mano*.

Pratos típicos e especiarias da culinária brasileira, bem como frutas, verduras, legumes e animais, e ainda vários tipos de bebidas, estão presentes a todo instante no texto coelhonettiano, revelando o que se comia naquele tempo na antiga cidade.

O autor os apresenta desde a venda em feiras ou nas ruas e por ocasião de festas ou eventos lúdicos ou religiosos. Quanto às feiras, estas ocupam um lugar interessante no relato, sempre lotadas, onde se podem vislumbrar vendedores a oferecer

mercadorias, e consumidores transitando de banca em banca, procurando melhores preços e produtos. Uma dessas feiras é na Praia do Peixe:

Era um dos prazeres maiores do tempo patinhar no lodo viscoso daquela feira sórdida. Andava-se aos apertões no tumulto beirando a rampa resvaladia e atulhada de bancas e canoas onde o peixe reluzia em pilhas e ostras escalavradas cascalhavam, ou esgueirava-se a custo por entre comoros de aboboras, de repolhos, de melancias, montões de couves e alfaces, samburás, cestos, tampas de tomates rubros, de quiabos, de limões, de pimenta, num ambiente acre que tresandava á maresia e á horta, a suor, a alcool e a fumo, por entre a confusa algazarra dos que disputavam e o cacarejar das gallinhas, o grasnar dos papagaios e o barbaréo de contenda da gente negra.

Nas tendas, onde cartazes annunciavam vinho novo, bebia-se a rodo junto ás pipas ennastradas de folhas de mangueira.

Os açougues atupidos vermelhejavam na abundancia das carnes – quartos de rezes, carneiros abertos, porcos com a toucinhama a pingar chorume, linguas ás pilhas, miolos, chispes, orelheiras, bandounas em acervo, ás moscas³⁰.

Revelam tanto sobre o pequeno comércio alimentício da cidade, quanto os hábitos alimentares das famílias de menor poder aquisitivo. Pelo texto, depreende-se que havia fartura na cidade, que atingia as famílias, mesmo as mais pobres: “A abundancia excitava a gulodice da familia, vencendo o acanhamento, ia á fruta chuchurreando laranjas, mangas, trincando maçans ou, pro extravagância, provava o mingau *mina* onde ganhadores empanturravam-se de angú, repetindo a ração com apetite heróico”³¹.

Os eventos de fim de ano e os festejos religiosos davam ocasiões a mais alimentos e comidas:

As vésperas do Anno Novo, Santo Antonio, S. João, S. Pedro, Conceição, Natal e sabbado d’Alleluia eram dias tremendos para o poleiro e para a pocilga. Perú, gallinhas, patos, leitões, cevados pereciam, não em oblata aos santos, consumindo-se, ao lume sagrado, no altar dos holocaustos, mas para regalo epicurista do homem, sendo levados a assar no forno das padarias ou refogando-se nas caçarolas domesticas.

O sangue corria a jorros nos alguidares para o molho, para o sarrabulho, e para o chouriço; o caixão do lixo enchia-se de pennas e de coscorões cerdosos e na casa mais pobre sempre um frangão esperneava batendo as azas ou o coicho agoniado de um bácoro annunciava pitaça.

Nos tachos borbulhava a calda, onde as doceiras despejavam o côco ralado, frutas ou esfiavam gemmas que se enrolavam em novellos de fios de ovos³².

Durante a Semana Santa, a listagem de alimentos – embora sem carne vermelha – ampliava-se:

Se a gula, como afirma a igreja, é pecado que leva direito ao inferno, muita gente desse tempo deve refter nos caldeirões de pez.

Por preceito, durante a semana santa, não se sentia á mesa o mais leve saibo de carne, mas era farta e sortida a cansoada meridiana em que primavam as cozinheiras negras, donas do segredo subtil da sopa de ostras, do polme de hervilhas, do vatapá dourado, do caruru, do zorô, das moquecas, das bacalhoadas, do peixe frito em azeite de zerzelim, dos sirys recheiados, das tortas de camarões e de caranguejos, do acaragé, do aberem, do feijão de côco, do arroz de marisco, da cangiquinha de milho verde, da pamonha, do monguzá, do majar branco, do cus-cús, dos ovos nevados e da baba de moça. Era comida que farte!³³

Quando o circo chegava na cidade, comidas de todos os tipos eram vendidas ao público que chegava para se alegrar com o espetáculo:

Á entrada do circo estendiam-se em duas alas os doceir[o]s, com as lanternas de vidro sobre os taboleiros, apregoando regueifas e bolos de côco, cangiquinha e rolos de tapioca, manaués, pasteis, balas de ovo, quidins, bons bocados e queijadinhas.

Em fogareiros de ferro estralejavam espigas de milho. E ainda havia o caldo de canna – quentinho; alguidares de tremoços, amendoim torrado, pipocas e dunas de gingelim³⁴.

É de se considerar que “manuaés” seja o bolo de milho que hoje chamamos de manuê, enquanto “bolos de tapioca” sejam, possivelmente, beijus. Aliás, o autor volta a citá-los juntamente com outras comidas no contexto da casa: “[...] sahia-se á nevoa, para o banho na fonte, tornava-se á casa, ainda molhado, a correr, roxo de frio, e achava-se a tigela de café, o bolo de milho, beijús e aipim [...]”³⁵

Os pregões nas ruas não foram esquecidos, e mais comidas são apresentadas: “Um após outro passavam na rua, apregoando, o negro do ‘caldo de canna, quentinho!’ a tia da cangica, o moleque das pipocas e do amendoim torrado”³⁶

Mesmo com pouco dinheiro dava para comprar alguma coisa: “Nesse tempo um vintem era moeda. Com elle comprava-se um pão, um pé de moleque ou uma

cocada, duas bananas, uma laranja”³⁷. Aqui, acolá, lá vinha “a doceira esgarnizando louvores ao ‘arroz de leite’ às cocadinhas”³⁸.

Tanta fartura era vista no próprio comércio, sempre bem abastecido: “Dos arrabaldes – Tijuca, Andarahy, Trapicheiros, Engenho Novo desciam carroças acoguladas de frutas: laranjas, tangerinas, melancias, limões, também verdura tenra e, sobre as pilhas de couves e de alface, cestas de ovos, ramos de flores”³⁹.

Voltando à cena do casamento feito em casa, a hora da ceia era uma fartura só:

Os noivos abriam a marcha, de braço, e á mesa opipara, onde reluzia o leitão luzidio, incrustado de azeitonas e rodellas de limão, e o peru avultava ao lado de uma travessa de tostado de arroz de forno, entre pratarrazes e compoteiras, pyramides de fios de ovos e o pão de lo symbolico, com dous calungas noivando sob uma rotunda de assucar, um orador, taça em punho, falava no silencio attencioso e commovido, fazendo votos pela felicidade do joven casal, a quem desejava uma vida de venturas, como a de Abrahão e Sara, no Paraíso. Os pais choramigavam, as moças cochichavam malicias, quebravam-se taças, urrahs! Atroavam. Mas um prelúdio de flauta desfazia o commenso, e a voz do mestre sala estrugia reclamando os pares⁴⁰.

Entre as bebidas, chás, cafés, vinho, puxa-puxa e caninha doce. Servidas em copos, taças, garrafas, tigelas.

Manifestações religiosas e culturais

Além do Carnaval já explanado anteriormente, há muitas festas, como as juninas, o Natal, o Ano Novo, a Semana, incluindo um relato interessante sobre a malhação de Judas, a presença de circos e teatro de cavaleiros, um presépio natalino, muitas alusões a santos e objetos relacionados à fé católica, como santos, oratórios, rosários, imagens de ouro, etc., invocados na hora de dificuldade, bem como religiões afro-brasileiras, relativo às quais é este relato:

[...] bufarinheiras minas com cstinhas muito arrebecadas ou enormes conchas de pão cheias de missangas, figas de Guiné, sabão preto, capim mimoso, gengibre, contas de leite, favas de cheiro, aneis de lagarto, dentes de feras e de insectos, lagrimas de Nossa Senhora [...]⁴¹.

Sobre a quimbanda, por exemplo, relato ao autor de *A conquista* o seguinte:

Lá dentro fervia o “quimbande”, dava-se fortuna, faziam-se philtros e despachos e nas vésperas das festas batucava-se freneticamente ao som dos atabaques, ao tinir de pratos de louça repinicados pelas mulatas que se esguelavam em guinchos histéricos saracoteando lascivamente. Ainda encontrei a fama sinistra do Juca Rosa e lembro-me de um negralhão petulante, que vestia de branco e passava sempre por entre negros zumbidos, como um rei, cuja mão muita vez eu vi beijada por mocinhas louras e crianças que as mais levantavam para receberem a benção do feiticeiro⁴²

Toda a riqueza de muitos detalhes está patente no texto, despertando nosso imaginário de como aconteciam essas práticas em meio a tantos objetos.

Considerações finais

Arqueologia e História são disciplinas muito afins. Quando se trata da cultura material, ambas as disciplinas contribuem de forma decisiva para a compreensão da vida em sociedade. É o artefato, portanto, um importante mediador de ação social.

Neste sentido, o trabalho de inventariar objetos materiais de uso doméstico ou urbano na cidade do Rio de Janeiro desperta a imaginação quando se tem à mão um texto rico como “A antiga cidade”, de Coelho Netto. Além de tudo o que expomos neste estudo, há ainda muitas informações que não couberam nas páginas anteriores, a exemplo dos veículos de transporte, como carros (carruagens), carroças, bondes, barcos, canoas, cavalos, etc.

Os modos de comer e beber são apresentados com exemplos de pratos típicos, comidas vendidas na feira ou em pregões nas ruas, além de carnes, frutas, verduras, legumes vendidos em mercados e feiras e animais criados nos quintais, e em algumas ocasiões, como festas, casamentos e celebrações religiosas, esses hábitos ganham características diferentes, caso da Semana Santa, quando não se comia carne vermelha, mas muitos peixes, camarões, caranguejos, etc. As vestimentas do século XIX, relatadas por Coelho Netto, mostram que as indumentárias do nosso século estabeleceram continuidades (calças, vestidos, casacos), mas também rupturas, abandonando cartolas, turbantes, mitaines, luvas, etc.

Sobre as manifestações culturais, é possível enxergar não apenas os eventos ali relatados, como o Carnaval e o São João, o Natal e a Semana Santa, o Ano Novo e a malhação de Judas, mas também o circo, que atraía a criançada, o teatro de cavatinhos, com igual efeito, os casamentos, que movimentavam ruas inteiras, etc.

Os instrumentos musicais e os de produção de ruídos também ocupam vários espaços no texto, revelando uma cidade barulhenta e que gostava de música, sobretudo em festas, onde também se dançava muito. E o mais interessante de tudo isso encontrado no texto coelhonetiano é que as coisas não estão relatadas ali à toa, como se tivessem vida em si mesmas; estão, porém, em viva interação com as pessoas, e são essas interações socioculturais que mais chamam a atenção o historiador, cujo trabalho é reconstituir a trama, criando a narrativa a partir da fonte presumivelmente concreta. Por fim, ressaltamos que o texto ora analisado pode servir de base a um projeto de arqueologia urbana na busca dos vestígios, que porventura ainda existem, desse passado narrado.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BARROS, Paulo Cezar de. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? (um pouco da história do Morro do Castelo). *Revista Geo-Paisagem* (on line). V. 1, n. 2, jul./dez. 2002.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CAMPOS, Humberto de. *Crítica – 1.ª Série*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1951.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Rio de Janeiro, 1996.

COELHO NETTO. *Canteiro de saudades*. São Luís: Café & Lápis, 2010.

_____. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

MATTOSO, José. *A escrita da História - teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

NAVARRO, Alexandre Guida. *Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá: distribución en los espacios arquitectónicos e imaginaria*. Tese de Doutorado. México: UNAM, 2007.

PESEZ, Jean-Marie. A história da cultura material. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 177-213.

PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 259-275.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

¹ NAVARRO, Alexandre Guida. *Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá: distribución en los espacios arquitectónicos e imaginaria*. Tese de Doutorado. México: UNAM, 2007.

² FUNARI, P. P. A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15.

³ PRIORE, Mary Del. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275.

⁴ PESEZ, Jean-Marie. A história da cultura material. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 177-213.

⁵ PESEZ, Jean-Marie. A história da cultura material. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A Nova História*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 181.

⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 51-68.

⁷ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 49.

⁸ ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 61.

⁹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 35-48.

¹⁰ BARROS, Paulo Cezar de. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? (um pouco da história do Morro do Castelo). *Revista Geo-Paisagem* (on line). V. 1, n. 2, jul./dez. 2002.

¹¹ CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Rio de Janeiro, 1996.

¹² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 26.

¹³ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 51.

¹⁴ COELHO NETO. *Canteiro de saudades*. São Luís: Café & Lápis, 2010.

¹⁵ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 63-64.

¹⁶ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 62.

¹⁷ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 63.

¹⁸ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 71.

¹⁹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 71-73.

-
- ²⁰ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 93-94.
- ²¹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 57.
- ²² COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 67 e 69.
- ²³ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 55.
- ²⁴ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 64-65.
- ²⁵ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 76.
- ²⁶ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 77-78.
- ²⁷ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 78-80.
- ²⁸ DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 55.
- ²⁹ DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 86.
- ³⁰ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 91-92.
- ³¹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 92.
- ³² COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 74-75.
- ³³ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 85-86.
- ³⁴ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 58-59.
- ³⁵ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 99.
- ³⁶ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 68.
- ³⁷ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 76.
- ³⁸ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 52.
- ³⁹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 62.
- ⁴⁰ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 73.
- ⁴¹ COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 52-53.
- ⁴² COELHO NETO. *Palestras da tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911. p. 56.